



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO - PROGRAD
INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU**

NAYARA DA SILVA OLIVEIRA

**EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO COTIDIANO DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE UMA ESCOLA MUNICIPAL
DE REDENÇÃO – CE.**

**ACARAPE-CE
2019**

NAYARA DA SILVA OLIVEIRA

EXPERIÊNCIAS DE LEITURA NO COTIDIANO DE ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE
REDENÇÃO – CE.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Drº Jon Anderson Machado Cavalcante.

ACARAPE

2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por essa grande oportunidade de estar aqui hoje, em meio a tantas pessoas que também gostariam de estar cursando o ensino superior, e por ter me auxiliado durante essa caminhada apesar de todas as dificuldades, e principalmente por ter me dado força e coragem para concluir esse ciclo.

A esta universidade (UNILAB), por ter me proporcionado esse tempo precioso, no qual pude aprender diversas coisas, que com certeza agregam tanto para o meu desenvolvimento profissional, quanto pessoal. E não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Jon Cavalcante, por ter cumprido com maestria o seu papel, e acreditado na minha capacidade.

Aos meus amigos por terem caminhado comigo, sempre me ajudando e apoiando durante toda essa trajetória. E principalmente aos meus pais e familiares, por estarem sempre torcendo por mim, e incentivando a não desistir desse sonho que não é apenas meu, mas também de toda a minha família.

**“Por isso, depois da leitura, eu já não
sou o mesmo de antes, já não posso
olhar-me impávido no espelho.”**

Jorge Larrosa

RESUMO

Esse projeto de pesquisa busca compreender as experiências de leitura, no cotidiano dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA, tomando como fonte de estudo, a Escola Municipal de Ensino Infantil Fundamental, Francisco Januário da Costa, localizada em Olho D'água do Constantino, município de Redenção. De modo a pensar nas trajetórias de vida desses/as estudantes, no processo de retorno da escola, nas suas percepções sobre a leitura, as experiências de leitura do seu cotidiano e também os desafios que enfrentam em relação a isso. Para fundamentação deste projeto, apresenta-se também, alguns conceitos sobre experiência, leitura, e uma breve exposição sobre a EJA. A pesquisa a ser realizada é de caráter qualitativo, levando em consideração que estão em questão, as experiências de vida dos/as participantes, o delineamento metodológico a ser utilizado será a Pesquisa Narrativa, por meio da realização de entrevistas. De modo a alcançar as informações referentes aos objetivos da pesquisa a partir das narrações dos/as participantes.

Palavras-chave: Leitura, Experiência, EJA, Educação.

SUMÁRIO

1 PROBLEMATIZAÇÃO	07
2 OBJETIVOS	12
2.1 OBJETIVO GERAL	12
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3 JUSTIFICATIVA	13
3.1 MOTIVAÇÃO PESSOAL	13
3.2 RELEVÂNCIA SOCIAL	15
3.3 RELEVÂNCIA ACADÊMICA	17
4 REFERENCIAL TEÓRICO	18
4.1 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	18
4.2 LEITURA COMO PROCESSO SOCIAL	19
4.3 EXPERIÊNCIA DE LEITURA	23
5 METODOLOGIA	25
5.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	25
5.2 DELINEAMENTO	26
5.3 SUJEITOS E PROCEDIMENTOS	27
5.4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	29
REFERÊNCIAS	31

1 PROBLEMATIZAÇÃO

O processo educativo escolar toma grande parte da vida de uma pessoa, começando desde a infância, porém é sabido que a distribuição de oportunidades nem sempre chega a todos igualmente, o que também causa algumas dificuldades quanto ao acesso e permanência na escola.

É justamente esse somatório de aspectos, que impossibilita algumas pessoas de seguir no processo de escolarização na idade esperada. Em alguns casos, até existe a inserção no ambiente escolar, mas surgem obstáculos que acabam por vezes, a impedir a sua continuidade.

Nesse sentido, segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2016, “O número de escolas que oferecem a modalidade de Educação de Jovens e Adultos teve uma redução de 26,8% nos últimos oito anos” (p. 4). Ou seja, parte das pessoas que necessitam dessa modalidade de ensino, acabam tendo os seus direitos e possibilidades reduzidos.

Direitos esses que deveriam ser parte do desenvolvimento de todo indivíduo, independente da faixa etária como por exemplo, aprender a ler e escrever, pois nesse caso, a leitura é um elemento fundamental, para a formação do indivíduo, para a sua inclusão e interação no meio social em que está inserido. Então ela será utilizada na pesquisa, pressupondo as suas mais variadas formas de letramento e práticas sociais.

E foi, justamente, refletindo sobre a educação em geral, e pensando em alguns aspectos específicos como os que citei acima, que cheguei na seguinte pergunta para dar embasamento a meu projeto de pesquisa: Quais as experiências cotidianas de leitura dos estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), na escola Maria Augusta Russo dos Santos, no município de Redenção?

No que diz respeito à qualidade e à atenção prestada à educação no Brasil, ainda se encontram escolas com uma série de problemas, inclusive de infraestrutura, que também ameaçam a qualidade do ensino. Como é trazido no Censo Escolar da Educação Básica de 2017, no qual mostra que “10,0% das escolas não possuem pelo menos um dos recursos básicos de infraestrutura (água, energia e esgoto)” (p. 6). Isso principalmente quando se trata de lugares economicamente vulneráveis e menos favorecidos, por falta de cuidados e de investimentos, com grande responsabilidade dos poderes públicos.

Para exemplificar os aspectos acima, o Censo Escolar da educação Básica de 2016, traz uma informação que retrata bem a realidade de muitos desses lugares: “Na zona rural, 9,9% das escolas não possuem energia elétrica, 14,7% não têm esgoto sanitário e 11,3% não têm abastecimento de água. Na zona urbana, esses percentuais são 0,0% (apenas 9 escolas), 0,3% e 0,2% respectivamente” (p. 7).

Nesse sentido, o que pretendo neste projeto, é mostrar que problemas estruturais como esses, acabam por gerar outros, pois mesmo que sejam somente dificuldades de infraestrutura, podem também afetar direta ou indiretamente no funcionamento da escola, e, conseqüentemente, no desenvolvimento dos/as estudantes que frequentam a mesma. Esses problemas, se pensarmos na Educação de Jovens e Adultos, também podem ser alguns dos motivos que contribuíram para a evasão escolar ou para uma redução das instituições que oferecem essa modalidade de ensino.

Sobre a EJA, segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), (nº. 9.394/96), em seu **art. 37**. “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 2005, p. 19).

Trata-se de uma modalidade de ensino criada justamente para as pessoas que não conseguiram terminar, ou nem mesmo começar, o ensino fundamental e/ou médio. E também para aquelas pessoas que independentemente da idade, desejam começar todo esse processo de aprendizagem desde os primeiros passos da alfabetização, processo de letramento, etc.

Ou seja, as pessoas que entram nesse programa geralmente o fazem após múltiplas razões a afastarem do contexto escolar. Como por exemplo, um número alto de reprovações em alguma disciplina, não ter conseguido acompanhar a rotina da escola, ou também pela necessidade de trabalhar ao invés de estudar, entre outros (FRIEDRICH *et al.*, 2010). Então uma turma de EJA possui pessoas com competências e dificuldades relacionadas a esses aspectos de sua trajetória.

Ainda nessa perspectiva continuo a abordar os principais conceitos que dão fundamentos a este projeto, a começar pela EJA, e algumas informações principais sobre o seu significado.

A história da EJA insere-se num cenário econômico, social e político, onde a relação entre educação e trabalho está normalmente ligada uma a outra, tendo um público de trabalhadores jovens que procuram pelo primeiro emprego e também os trabalhadores aposentados. Ela começa a ter uma maior procura devido às necessidades políticas e exigências de uma nova sociedade (COLAVITTO e ARRUDA, 2014, p. 3)

Como mencionado acima a EJA é uma modalidade de ensino que visa garantir o direito à uma educação de qualidade às pessoas que não conseguiram concluir ou até mesmo iniciar o ensino fundamental e/ou médio, na idade esperada. Ou seja, a EJA é formada por jovens e adultos que se encontram em uma realidade profundamente diferente de outros estudantes, uma vez que, em sua grande maioria, têm várias outras atividades para além da escola.

Dessa forma, as pessoas que participam dessa modalidade, além de estudantes, são também cidadãos trabalhadores que exercem outros papéis e funções. Tendo de lidar com os vários mecanismos sociais que exigem desses/as estudantes algum domínio sobre a prática da leitura no seu cotidiano.

Suponho que a leitura seja uma grande protagonista, quando as autoras trazem na citação acima, que a procura pela EJA aumentou por conta dessas possíveis necessidades e exigências sociais. Pois cada vez mais, a partir dos avanços tecnológicos, é possível perceber a presença de máquinas, computadores, etc., na sociedade. Que, inclusive, são equipamentos essenciais em vários modelos de trabalho, além de exigirem pelo menos, o mínimo de conhecimento e domínio sobre a leitura.

No livro **A importância do ato de ler**, Freire (1982) diz o seguinte: “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” (p. 13). Ou seja, quando procuro compreender as experiências de leitura de estudantes da EJA, estou levando em consideração as vivências dessas pessoas além daquele ambiente escolar. E a reflexão também sobre suas experiências com a leitura no seu meio social, já que antes e paralela a inserção no contexto escolar, essas pessoas já têm um histórico de saberes adquiridos e desenvolvidos em seu cotidiano.

Ainda quanto a essa discussão, Freire (1982) aponta que para dissertar sobre a importância da leitura ele acabou por lembrar momentos de sua prática educacional, em que ainda estava a construir um pensamento crítico quanto ao ato de ler. Então, acredito que quando procuro perceber qual é a percepção de estudantes da EJA sobre a leitura e a relação que possuem com a mesma, isso poderá proporcionar também que busquem em sua trajetória de vida até então, momentos em que a leitura esteve presente e como isso se deu.

Com isso, esse processo implica também na “leitura do mundo”, uma vez que esses estudantes estarão relendo, a partir de suas memórias e emoções, as formas como

a leitura foi inserida e presente em suas vidas, antes e depois da sua entrada no ambiente escolar.

Ainda discorrendo sobre a realização da leitura, almejo nesse projeto tratar dessa questão como um processo relacionado às experiências vividas pelos/as estudantes da EJA, às situações que eles relacionam com a leitura em seu cotidiano. De modo a considerar que enquanto para alguns, a leitura está bastante presente, para outros, isso pode ocorrer de maneira contrária. Em todas essas possibilidades de experiências, cabe entender, segundo o professor de filosofia da Universidade de Barcelona, Jorge Larrosa Bondía:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. [...] o que eu quero apontar aqui é que uma sociedade constituída sob o signo da informação é uma sociedade na qual a experiência é impossível (BONDÍA, 2002, p. 21).

Nesse caso, o sentido do que “acontece” na leitura, vem relacionado aos diversos episódios e procedimentos do ato de ler que permeiam o nosso dia a dia. Enquanto o que “nos acontece” ao lermos, tem um sentido mais significativo, pois diz do que e como nos afeta, de uma maneira mais singular e marcante.

Ou seja, a experiência se dá não só quando qualquer tipo de informação é adquirido, mas também quando, de alguma forma, um saber cria um certo impacto e é marcado em quem o experimenta, e assim pensamos a relação com a leitura.

Então, levando essa noção de experiência para o cotidiano de estudantes da EJA, posso dizer que o foco principal é conhecer e entender os acontecimentos mais significativos que eles/as tiveram, ou têm, com a leitura no seu cotidiano. Pensando nesses casos, como experiências que tenham vindo a acrescentar concepções mais abrangentes sobre a vida desses estudantes, mas também com o objetivo de tentar entender os desafios que eles enfrentam quanto à leitura, e como ela influencia nas suas relações sociais.

Por exemplo, o ato de ler um livro, uma carta, anúncio, entre outros, permite ao leitor/a uma interpretação individual, ao mesmo tempo em que permite uma interação social desse leitor/a com quem escreveu, com quem leu antes, com quem pode vir a ler, consigo mesmo. Ou seja, de uma forma ou de outra, a leitura influencia não só o processo cognitivo e intelectual do indivíduo, mas também nas suas relações no meio social.

No livro **O que é leitura**, a autora Maria Helena Martins (1982), traz o seguinte argumento quanto a relevância de uma mudança do olhar quanto a leitura: “Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o *porquê*, *como e para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade” (MARTINS, 1982, p. 23).

Assim, a leitura mais do que uma mera assimilação de símbolos linguísticos, envolve também outros aspectos significativos e afetivos que formam seu processo e ampliam o seu conceito. A interpretação, compreensão, a escrita que também está ligada à leitura, assim como o papel que ela exerce na sociedade.

Por isso é importante discutir sobre no que consiste a leitura, como é a interação dos indivíduos com a mesma em sociedade, como ela pode nos ajudar no dia a dia. Pensando todos esses aspectos para que finalmente ela seja vista como um processo social, que implica diretamente nas relações experiências dos indivíduos.

2 OBJETIVOS

2.1 objetivo geral:

Compreender como são as experiências de leitura, no cotidiano dos estudantes da EJA (Educação de Jovens e Adultos), na escola Francisco Januário da costa, no município de Redenção.

2.2 objetivos específicos

- Caracterizar a trajetória educacional dos estudantes que farão parte da pesquisa;
- Identificar a percepção dos estudantes da EJA sobre as atividades de leitura no seu cotidiano;
- Conhecer os episódios significativos de leitura para esses estudantes;
- Entender os desafios que esses estudantes enfrentam no seu cotidiano, com a prática da leitura;

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Motivação Pessoal

Primeiramente, o assunto “educação” sempre foi algo do meu interesse, no que se trata das práticas educacionais restritas ao ambiente escolar. Então quando estudava, tanto em uma grande parte do ensino fundamental quanto no ensino médio, gostava muito de observar de tudo, desde como era todo o processo de aprendizagem dos estudantes, os métodos usados pelos/as professores/as para ajudar na compreensão da turma, até como eram as relações criadas entre ambos em sala de aula. E também como se davam essas relações fora daquele ambiente.

Observar a sala de aula, as relações que eram construídas por todos aqueles estudantes e profissionais que formavam a escola, eram aspectos que me incentivavam a ficar cada vez mais próxima e familiarizada com aquele espaço, ao mesmo tempo que aumentava a minha afinidade por tudo aquilo. É tanto, que até mesmo depois de concluir o segundo grau fazia questão de visitar o colégio, de ficar atenta às mudanças que aconteciam, etc.

E a partir dessa minha relação mais próxima com a escola, tive uma grande oportunidade de experimentar como era estar em sala de aula, não como estudante, mas dessa vez como professora. Passei por essa valiosa experiência, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Francisco Januário da Costa, onde estudei o ensino fundamental inteiro, que fica na comunidade onde moro (Olho D’água do Constantino), no município de Redenção.

Embora tenha sido por um período curto de tempo (por volta de três meses), isso já me serviu bastante como um impulso para entender um pouco mais sobre os dois papéis, estudante e professor/a. E principalmente por ter surgido, durante essa experiência, o desejo principal de falar sobre a leitura. Pois foi aí que observei um dos maiores problemas presentes nas turmas em que estive, que era relacionado às dificuldades quanto à prática e compreensão da leitura.

Na verdade, essas dificuldades se diferenciavam um pouco de acordo com cada estudante. Alguns tinham mais dificuldades em desenvolver uma interpretação sobre o que liam, mas conseguiam ler bem, enquanto outros, tinham realmente uma certa dificuldade em relação à prática da leitura. Mas também pude perceber que esses problemas estavam ligados aos textos mais teóricos. Quando se tratava de uma leitura

mais dinâmica, como histórias em quadrinho, jogos sobre leitura, com o auxílio de gravuras, etc., eles tinham uma maior interação, e até mesmo compreensão.

Então, esse interesse já antigo nessa área e a oportunidade que tive de poder estar em sala como professora, tudo isso me ajudou a ter um olhar mais sensível sobre a educação, e acendeu cada vez mais o desejo de desenvolver uma pesquisa voltada para esse meio de leitura.

E acredito que a minha realidade enquanto estudante universitária e a minha relação próxima com a leitura, pois sempre preciso ler muitos textos, também influenciaram na minha escolha desse tema. Pois pra me adaptar a esse tipo de leitura acadêmica, também enfrentei algumas dificuldades, por serem textos com linguagem técnica e diferentes do que eu tinha o hábito de ler no meu dia a dia. E tudo isso foi me ajudando a pensar o tema do projeto.

Em primeiro plano a minha proposta de pesquisa era trabalhar a prática de leitura não somente no contexto de sala de aula, mas também no meio social em que os envolvidos na pesquisa estariam inseridos. Entretanto, pensava em estudar esse assunto no ensino fundamental, porém, tudo isso ainda estava um pouco impreciso, já que eu não tinha muito a ideia de como poderia desenvolver o estudo.

Foi a partir das orientações, que comecei a narrar um pouco mais qual era a minha ideia e qual era o sentido de leitura que eu queria pesquisar. E só depois de ler alguns textos e muito pensar numa delimitação sobre esse assunto, decidi pesquisar sobre as experiências cotidianas de leitura de estudantes da EJA.

Primeiramente por que a leitura está presente em praticamente tudo o que fazemos e vemos no nosso dia a dia, seja na televisão, no celular, ou em uma embalagem qualquer. Então irei discorrer sobre as práticas de leitura, não só pensando nas dificuldades que muitas pessoas têm em relação à mesma, mas também pensando nas experiências e episódios de leitura que essas pessoas vivem, e a sua prática no cotidiano.

Por fim, pretendo desenvolver essa pesquisa na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Francisco Januário da Costa, localizada em Olho D'água do Constantino no município de Redenção. Justamente onde tive a ideia inicial de falar sobre a leitura, e também onde sempre tive um desejo de retornar e fazer algo em parceria, nesse caso, retornarei por conta do projeto.

3.2 Relevância social

De acordo com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), (nº. 9.394/96) para participar da educação de jovens e adultos são necessários alguns requisitos, por exemplo: “a nível de conclusão do ensino fundamental, a idade mínima é de 15 anos, já no que diz respeito ao ensino médio, a inserção só é possível a partir de 18 anos de idade” (BRASÍLIA, 2005, p. 19).

A partir da delimitação dessa faixa etária para participação nesse programa (EJA), acredito ser de suma importância buscar analisar e compreender os fatores que levam essas pessoas, entre 15 e 17 anos de idade, a não concluírem os seus estudos no tempo esperado. Assim como também é importante, pensar nos fatores que levam pessoas, já adultas, a buscarem concluir a educação de base, e pensar nos motivos que às levaram a interromper os estudos.

Primeiramente, uma coisa que eu acho muito importante na EJA, é que as pessoas que procuram essa modalidade de ensino, além de estarem tentando concluir seus estudos, estão também buscando uma forma de reconhecimento e de igualdade no meio em que vivem, como é dito no artigo **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil**. “Freqüentemente o próprio aluno busca na escola um lugar para satisfazer suas necessidades particulares, para integrar-se à sociedade letrada, da qual não pode participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita” (STRELHOW, 2010, p. 49).

A citação acima permite interpretar que, a sociedade tem uma forte influência sobre o indivíduo, e com isso, já se pode notar que, o motivo dessas pessoas estarem buscando retornar aos estudos, vai além de uma condição individual. Pois diz respeito também a um desejo de poder interagir e ser visto igualmente por todos na sociedade.

E todas essas motivações, devem ser valorizadas também no ambiente escolar, e por aqueles que terão a tarefa de lidar com elas. Como Strelhow continua em seu artigo:

O professor que se propõe a trabalhar com adultos deve refletir criticamente sobre sua prática, tendo também uma visão ampla sobre a sala de aula, sobre a escola em que vai trabalhar. Tem que ampliar suas reflexões sobre o ensinar, pensando sobre sua prática como um todo. Ele precisa resgatar junto aos alunos suas histórias de vida, tendo conhecimento de que há uma espécie de saber desses alunos que é o saber cotidiano, uma espécie de saber das ruas, pouco valorizado no mundo letrado e escolar (STRELHOW, 2010, p. 49).

Ou seja, deve ser levado em consideração, tanto a história de vida dessas pessoas, as suas motivações, quanto os vários saberes que elas carregam. E esses

saberes são construídos antes mesmo de serem incluídos no ambiente escolar. Porém, nem sempre esses saberes são levados em conta diante da sociedade.

Então, pensando a partir de todos esses fatores, o/a professor/a está ali não só ocupando o papel de educador/a, mas também o papel de quem está lidando com pessoas que tem diversos sonhos e objetivos, e que querem ter acesso à educação, ter reconhecimento perante à sociedade, etc.

Na maioria dos casos que já tive a oportunidade de acompanhar (mesmo que indireta e brevemente), os/as professores/as que trabalham em programas como a EJA, já tiveram experiência com turmas do infantil, e acredito que ao se submeter a uma atividade como essa, o/a professor/a deve rever os seus primeiros conceitos sobre a educação e ensino. Pois ele/a não vai poder tratar aquelas pessoas como crianças, mas sim evidentemente como adultos em processo de aprendizagem.

Por isso julgo de extrema relevância que o/a professor/a tenha uma visão mais ampla sobre educação. Principalmente pela história de vida dos/as estudantes, pela bagagem que eles trazem de suas relações no seu cotidiano e também pelos sentimentos de superação e satisfação que essas pessoas carregam por estarem buscando alcançar seus objetivos.

Segundo Strelhow (2010), existem outras formas de incentivo que levam jovens e adultos a buscarem a escola, objetivos pessoais e de interferência social, como sentimento de conquista, capacidade e também um sentimento de inclusão perante a sociedade.

Ou seja, conseguir uma função melhor no trabalho, um emprego desejado, ou até mesmo dar continuidade nos estudos com um curso do ensino superior, e várias outras conquistas, são alguns exemplos de coisas que estudantes da EJA podem alcançar, através do seu esforço.

Então, levando em consideração todos esses fatores citados acima, acredito que a relevância social do projeto de pesquisa, é que ele permite toda uma reflexão desde a inserção e processo de alfabetização de jovens e adultos no ambiente escolar, até as interações desses estudantes na sociedade. Além de salientar que embora exista uma idade estabelecida para iniciar a vida escolar, nem sempre isso é possível para todos, e não tem nada de errado em começar esse processo depois do esperado.

3.3 Contribuição acadêmica

De certa forma, o fato de estar no curso do BHU (Bacharelado em Humanidades) me ajudou muito na escolha desse tema, já que é uma área que me deixa muito a vontade pra falar dessa modalidade de ensino. Principalmente, pela proposta interdisciplinar que o curso carrega, que de certa forma conversa com a proposta da EJA.

A maior parte das terminalidades do BHU é de licenciatura, inclusive a que pretendo seguir. Então acredito que a pesquisa me ajudará muito, fundamentalmente a ter uma visão mais ampla e até mesmo humana de educação, antes mesmo de uma possível atuação nesse meio profissional. Basta se colocar no lugar do outro para entender a importância da ampliação dessa visão sobre a educação.

Por exemplo, se enquanto estudante universitária desejo uma educação de qualidade que venha agregar valores à minha formação, da mesma maneira é um estudante que procura concluir uma educação de base, independente da sua idade. Por isso confio e espero, que essa pesquisa venha a contribuir muito na minha formação, justamente no sentido de entender que, mais do que um processo de alfabetização, a EJA é também, a formação de cidadãos que estão lutando pelos seus direitos de ter igual acesso à educação.

Assim como é a proposta do BHU, que além de formar futuros professores, pretende além de tudo formar leitores capazes de construir um pensamento crítico sobre o mundo, e de compreender o seu papel na sociedade.

E esse pensamento crítico que me ajuda a entender os diferentes fenômenos sociais e culturais, também foi e é o responsável por me possibilitar enxergar as carências e falhas presentes no atual sistema de educação. O que com certeza, ajudou diretamente a chegar na pergunta de pesquisa, que consiste basicamente, em uma tentativa de compreender as experiências cotidianas de leitura dos estudantes da EJA.

Portanto posso dizer que o fato de estar no BHU, também é um dos motivos pelos quais me impulsionaram a pesquisar sobre esse assunto. Além disso, no próprio BHU, existem exemplos concretos de pessoas já idosas que continuam a estudar buscando ampliar os seus conhecimentos. E suponho que, por ser um curso com a maioria das aulas a noite, essas pessoas também têm outras atividades durante o dia, assim como os estudantes da EJA têm as suas quando não estão no colégio.

Então, acredito que a relevância acadêmica do projeto de pesquisa, é justamente essa tentativa de trazer um novo pensamento sobre a educação de forma geral e

principalmente, a educação de jovens e adultos. Também visando buscar uma nova percepção do conceito de educador/a, não só no que diz respeito a formação acadêmica, nível intelectual, mas também em seu aspecto humanitário na sua forma de trabalhar.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 Educação de jovens e adultos – EJA

Quando se fala sobre educação de jovens e adultos, geralmente o seu conceito ainda vem numa ideia enraizada, de que a EJA é nada mais do que um simples sistema de ensino, criado para alfabetizar as pessoas que não tiveram a chance de concluir esse processo no tempo esperado. Porém, a EJA é muito mais que isso, sendo que lida com a participação de diversas pessoas, de diferentes idades, perfis sociais, e com diferentes sonhos e objetivos.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever (STRELHOW, 2010, p. 49).

Hoje, já se busca tentar compreender essa modalidade de outra forma, levando em consideração que:

Um novo pensar sobre a educação de jovens e adultos traz para o âmbito escolar questões relativas ao processo histórico do aluno. Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho (STRELHOW, 2010, p. 50).

É importante pensar que, as pessoas que estão na EJA ou que já passaram por essa modalidade de ensino, provavelmente já enfrentaram diversas coisas que os fizeram não ter acesso à educação de base. Mas é importante lembrar que, para que essas pessoas chegassem a buscar retornar aos estudos, provavelmente também tiveram algumas interferências até chegarem a essa decisão, sejam elas pessoais, ou exigências sociais, em relação à inserção no mercado de trabalho, inclusão, etc.

Muitas vezes essas interferências e/ou exigências, se dão de forma construtiva, entretanto podem resultar também num possível afastamento dessas pessoas da sociedade, uma vez que, são criados vários estereótipos, que ditam como deve ser o perfil de uma pessoa, para que ela seja finalmente aceita na sociedade.

Isso inclusive, no ambiente escolar, a partir das relações que são criadas com essas pessoas que estão retornando à escola e têm que passar por um processo de adaptação, socialização, aprendizado do conteúdo. Ou seja, são questões que vão além do ambiente escolar, e que não se limitam ao meio social.

E nesse sistema social muito estereotipado, o jovem e o adulto analfabeto acabam sendo vistos como um problema, pois a sociedade letrada engloba diversos meios de comunicação, que exigem desse jovem e desse adulto, algum conhecimento (mesmo que mínimo) sobre esses meios tecnológicos. E quando isso não é possível, a sociedade acaba gerando um sistema excludente, criado para uma minoria (FRIEDRICH *et al.*, 2010).

Por isso a EJA, tem sido tão importante, pois permite ao jovem e ao adulto sem escolaridade, ter uma nova chance de buscar educação, igualdade, e reconhecimento no meio social em que vivem. Então nesse sentido, a EJA vem como um elemento importante no que diz respeito ao desenvolvimento daqueles que se beneficiam com esse programa, e ainda influencia no desenvolvimento do meio em que estão inseridos, já que faz refletir sobre diversas questões educacionais, e também sociais.

Porém, mesmo com todo esse impacto social que essa modalidade tem causado, segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2018, “O número de matrículas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) diminuiu 1,5% no último ano, chegando a 3,5 milhões em 2018” (p. 4).

Se o número de matrículas diminuiu de maneira tão expressiva, isso também pode ser resultado da falta de investimentos que sejam capazes de resolver essa questão. Então acredito que, essa diminuição em relação ao número de matrículas na EJA, também é reflexo da atenção e priorização prestada pelo poder público a essa modalidade.

4.2 Leitura como processo social

Desde quando tive as primeiras ideias de falar sobre leitura no meu projeto de pesquisa, já tinha convicção de que, mais do que entender como era todo esse processo diariamente em sala de aula, eu queria também tentar compreender como se dá essa prática no dia a dia, diante da sociedade. Entender as possibilidades que ela traz para quem a domina e tem um conhecimento sobre ela, e também as dificuldades que muitos carregam em relação à mesma.

A reflexão trazida por Santana (2017), traz uma abordagem bem simples, mas que explica muitas coisas sobre esse processo que estou tentando entender. Pois ela fala justamente sobre a importância da leitura para os indivíduos, pois mesmo sendo uma prática, inicialmente pedagógica, também tem uma forte influência na formação social do mesmo. E ela complementa que manter um exercício da leitura, é indispensável para esse indivíduo, uma vez que o mesmo, está sujeito às diversas modificações que acontecem na sociedade.

Então a partir dessa reflexão, pude perceber que a leitura é algo que permite ao indivíduo mais do que uma simples capacidade de desvendar códigos e símbolos linguísticos. Mas também é como uma porta de entrada para o mundo do conhecimento de maneira geral, no sentido de que ela amplia cada vez mais o pensamento crítico, criativo, intelectual, racional de quem à pratica. E tudo isso também implica na forma em que esse indivíduo exerce uma interação e participação ativa na sociedade.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente á sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 1982, p. 22).

Uma coisa que acho muito importante destacar é que, capacidade intelectual, com certeza é um dos principais fatores trazidos pela prática da leitura. Porém, como é colocado por Martins (1982), existem também outros fatores importantes que a mesma promove, inserção e reconhecimento social, por exemplo, podem ser encaixados dentre esses. Então a partir daqui, podemos perceber que a noção que se tem sobre leitura ainda é um pouco ultrapassada, ou a sua amplitude é meio que ocultada, esquecida, já que o seu conceito geral é muito mais complexo do que se imagina.

A leitura pode promover toda essa interação entre o indivíduo e a sociedade, mas primeiramente, essa interação deve acontecer entre o/a leitor/a e o que está sendo lido. Uma vez que, se é a leitura, um fator importante para a inclusão e relações na sociedade, é preciso construir também, uma relação pessoal com ela.

A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. E o contexto geral em que ele atua, as pessoas com quem convivem passam a ter influência apreciável em seu desempenho na leitura. Isso porque o *dar sentido a um texto* implica sempre levar em conta a situação desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens (MARTINS, 1982, p. 32).

Ou seja, essa relação que é criada entre o texto e o/a leitor/a não se dá apenas por uma decifração de códigos, pois ela acontece a partir do momento em que a leitura é levada para o seu contexto, para suas vivências. Criando assim, uma fluidez entre a leitura e a sua realidade, ao mesmo tempo em que isso funciona como um exercício para a sua prática com a leitura.

Então quando existe realmente essa fluidez entre a leitura do texto e a realidade do leitor, tudo ganha um novo significado. Pois a partir disso, a leitura já não implica mais somente ao texto escrito, mas à uma diversidade linguística, permitindo ao/a leitor/a, a possibilidade de enxergar novos horizontes a partir da sua prática sobre a leitura.

E quando eu busco conhecer os episódios significativos de leitura para os estudantes da EJA, é pensando exatamente essa ligação entre a prática da leitura e a realidade em que o indivíduo está inserido.

Inclusive, no livro **Retratos da leitura no Brasil** (que se trata basicamente de uma pesquisa, que busca analisar o desempenho do público leitor brasileiro), são trazidas algumas informações que acabam destacando ainda mais a importância da leitura na vida do indivíduo para a sua inclusão na sociedade, no que diz respeito às suas atividades cotidianas, relações pessoais, etc.

Na comparação sobre o uso do tempo livre por leitores e não leitores, uma revelação importante: leitores têm um repertório mais diversificado de atividades culturais e sociais. Ocupam seu tempo livre de maneira mais frequente e variada que não leitores, inclusive praticando exercícios físicos ou encontrando amigos, o que evidencia, também, maior disposição para vivenciar e ocupar o próprio tempo com uma maior diversificação de atividades sociais e culturais. Essa mobilização e esse protagonismo revelam o poder da leitura (FAILLA, 2016, p. 37).

Nesse sentido, o protagonismo da leitura vem para enfatizar ainda mais o que já foi falado anteriormente sobre a leitura como mera decodificação de símbolos linguísticos. Mostrando que, além de uma vasta contribuição e transformação intelectual, a leitura também permite conhecer e valorizar a variedade de coisas que podem ser feitas no dia a dia.

Porém, esses dados colocados acima, mostram também que se dão por um fator importante de ser falado, que é em relação aos avanços tecnológicos e as diversas ferramentas que esses avanços trazem consigo.

Os brasileiros – leitores e não leitores – continuam preferindo ver TV, conforme informaram na edição anterior (73% em 2015 e 85%, em 2011), mas essa preferência está cedendo lugar para o uso da internet (47%) e para outras atividades no computador ou no telefone celular: redes sociais (35%) e

WhatsApp (43%), especialmente na faixa de 14 a 29 anos (FAILLA, 2016, p. 37).

Aparelhos de jogos, televisão, celular, todos esses recursos estão cada vez mais presentes na realidade das pessoas, de uma forma em que a sociedade vai se adaptando a esse padrão estrutural tecnológico. E é justamente pelas várias possibilidades que eles promovem, que estão tomando o lugar da leitura de textos e livros em geral, e em sua maioria, da população jovem.

E pensando a partir dessa questão mais voltada aos avanços tecnológicos Santana (2017), mostra que de uma forma ou de outra, o ser humano tem que se adaptar a esses avanços, até mesmo pra poder lidar com as situações trazidas por esse novo modelo de realidade social.

Acredito ser de suma importância incluir nesse diálogo essa questão dos avanços e novas descobertas trazidas através da tecnologia. Pois uma vez que o mundo se apropria totalmente dessa tecnologia como um fator de desenvolvimento, os indivíduos acabam se rendendo à mesma, e de uma maneira bem sistemática, seja no trabalho, nas relações com outras pessoas em sociedade, etc. E desse modo, acaba se fazendo necessário que as pessoas tenham algumas competências para poder dominar e acompanhar, de certa forma, esses avanços.

E a leitura, como é enfatizado na fala de Santana (2017), é um fator chave para manter um envolvimento com todas essas mudanças, que inclusive estão sempre em contínuo desenvolvimento. Porém o/a leitor/a também deve enxergar essa leitura como um fator que lhe possibilite criar um pensamento crítico, no sentido de se permitir refletir, mas também questionar sobre essas novas mudanças.

Por isso trago mais uma vez que, não adianta ter um domínio sobre a leitura, se não houver uma prática sobre a mesma. Inclusive trazendo isso também para a realidade dos/as estudantes da EJA, até mesmo para que eles/as possam, a partir dessa prática, estar sempre a par do que acontece à sua volta, e assim trabalhando todo o seu processo de inclusão e interação social.

Porém Martins (1982) diz o seguinte:

A esta altura espero tenha deixado claro que, para compreendê-la e para a leitura se efetivar, deve preencher uma lacuna em nossa vida, precisa vir ao encontro de uma necessidade, de um desejo de expansão sensorial, emocional ou racional, de uma vontade de conhecer mais. Esses são seus pré-requisitos. A eles se acrescentam os estímulos e os percalços do mundo exterior, suas exigências e recompensas (MARTINS, 1982, p. 84).

Desse modo, é possível perceber que essa prática da leitura, não deve se dar com um sentido de obrigação, como se fosse algo imposto, mas sim, inicialmente como uma

aspiração, que parte direto do/a leitor/a, e só após esse ponto de partida, desenvolver e lidar com essas exigências sociais.

E essa maneira de pensar a leitura primeiramente como um desejo, também me faz lembrar quando Larrosa (2002) fala que “experiência é o que nos toca” (p. 21), pois assim também pode ser vista essa ideia de leitura. Como um aspecto que antes de se tornar um fator social, passa pela vida dos indivíduos enquanto leitores, criando diversas formas de experiências diante da sociedade.

4.3 Experiência de leitura

A leitura, permite engajar, participar da sociedade e de tudo o que quisermos, mas para que isso aconteça é preciso também levar em consideração, que o simples ato de ler não é o único responsável por isso. É necessário também que se desenvolva uma prática sobre a mesma, até mesmo para uma melhor interpretação e compreensão sobre o que se ler.

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam praticamente a ler tudo e qualquer coisa (MARTINS, 1982, p. 17).

Isto é, a leitura finalmente passa a ser um elemento de inclusão social, quando também a incluímos no nosso dia a dia, quando ela passa a ser utilizada em nossas experiências cotidianas, até mesmo como saída para algumas situações difíceis que passamos vez ou outra. Além do mais, isso também serve como um incentivo para buscarmos praticar cada vez mais.

Esse seria, digamos, o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo, conviver com ele, mas até modifica-lo à medida que incorporamos experiências de leitura (MARTINS, 1982, p. 17).

Assim, pode-se dizer que as experiências de leitura, não só auxiliam em uma maneira mais ampla de viver e de se encaixar socialmente. Mas também ajuda a ter um olhar mais sensível e sistemático no que diz respeito às carências e questões existentes na sociedade, a ponto até de buscar aperfeiçoá-la.

Só acredito que inicialmente, deve ser destacado que, para que essa experiência se dê como um aspecto de transformação social, outra questão deve ser considerada. No caso seria a importância de garantir que essa experiência tenha agido primeiramente no/a próprio/a leitor/a, como bem explica Jorge Larrosa Bondía:

De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação. Daí que a experiência me forma e me transforma. Daí a relação constitutiva entre a ideia de experiência e a ideia de formação (BONDÍA, 2011, p.7).

A partir disso, o que pude interpretar foi que, nesse caso a noção de experiência pode ser tão ampla quanto se imagina, principalmente quando estou tratando da mesma relacionada à leitura, que também é um assunto muito vasto.

Pois acredito que esse sentido de experiência, abarca muito bem o sentido de leitura, uma vez que, a mesma também trabalha todo um processo não apenas social, mas também individual, no qual indivíduo, tem acesso à novas maneiras de enxergar as coisas a sua volta.

E esse conceito de experiência citado acima, me lembra também da ideia de leitura trazida por Freire (1989), na qual ele fala que antes de uma possível leitura do texto escrito, o indivíduo faz uma leitura do mundo, da realidade à sua volta. Ou seja, tudo se trata de um processo em que a prática vai sendo aperfeiçoada com o tempo, como Freire (2001) diz em uma de suas obras: “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos, na prática social de que tornamos parte.” (p. 40).

Por isso, ao buscar entender as experiências de leitura dos/as estudantes da EJA, tento pesquisar isso seguindo uma ordem cronológica dos acontecimentos, falando primeiramente do contato inicial com a escola, para depois entender como são suas experiências no cotidiano, suas atividades e percepções, e também desafios quanto à prática da leitura.

5 METODOLOGIA

5.1 Abordagem da pesquisa

Tentarei pensar, primeiramente, no objetivo geral do projeto, que consiste em compreender como são as experiências de leitura no cotidiano dos estudantes da EJA, como fundamento inicial para a construção da abordagem da pesquisa.

Acredito que abordar um tema como esse, que está estreitamente ligado à participação de diferentes pessoas cada um/a com suas particularidades, seja um tanto quanto desafiador. Visto que as histórias e concepções de vida de cada um/a (levando em conta a sua subjetividade), se dão de maneiras distintas, principalmente quando estão em questão o seu cotidiano, as suas experiências, etc.

Então o objetivo geral e todos esses aspectos citados acima, fazem da pesquisa qualitativa, a abordagem mais indicada para o desenvolvimento da pesquisa, considerando as suas principais características, e a maneira de como se dá metodologicamente. Abordagem essa, que está mais preocupada em estudar o assunto em questão, pensando no seu valor simbólico e o significado que lhe é atribuído pelo sujeito social. E só depois dessa análise inicial, seguir com a interpretação desses significados, (GUERRA, 2014).

Assim sendo, ainda nessa perspectiva, autora Elaine Linhares de Assis Guerra (2014), apresenta algumas ideias principais sobre a pesquisa qualitativa, que são muito importantes para a sua compreensão:

Na abordagem qualitativa, o cientista objetiva aprofundar-se na compreensão dos fenômenos que estuda – ações dos indivíduos, grupos ou organizações em seu ambiente ou contexto social –, interpretando-os segundo a perspectiva dos próprios sujeitos que participam da situação, sem se preocupar com representatividade numérica, generalizações estatísticas e relações lineares de causa e efeito (GUERRA, 2014, p. 11).

A partir disso, percebo que a pesquisa qualitativa também proporciona uma relação de proximidade com as pessoas que fazem parte da mesma, sendo que seu objetivo por natureza, já é ter uma melhor e mais detalhada compreensão do processo. Ao mesmo tempo em que também é criada uma interação entre a pesquisadora e os participantes, como consequência dessa compreensão mais detalhada.

Assim sendo, temos os seguintes elementos fundamentais em um processo de investigação: 1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o

registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador (GUERRA, 2014, p. 11).

Na citação acima, a autora mostra de maneira simples e direta, três elementos principais, que ajudam na compreensão de como funciona a construção de uma pesquisa que toma como sua abordagem, o método qualitativo. Ressaltando basicamente sobre o contato prévio do pesquisador, em relação ao local e as pessoas que farão parte da pesquisa, e do processo de coleta e análise dos dados obtidos.

Então é a partir dessa ideia de coleta de dados, e pensando também nos objetivos da pesquisa, que abordam toda uma trajetória de vida dos/as estudantes da EJA, que tomarei como método, a pesquisa narrativa. Levando em consideração que estarei tentando entender as experiências desses estudantes.

5.2 Delineamento

Segundo Reis (*et al.*, 2014) em seu artigo **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa**, “Não se tem acesso direto às experiências dos outros, se lida com representações dessas experiências ao interpretá-las a partir da interação estabelecida” (p. 195). Visto que tentarei abordar o campo de experiências, essa ideia trazida pelo autor se faz importante em vários sentidos.

Primeiramente no sentido de possibilitar um pensamento mais amplo sobre a questão do acesso às experiências das pessoas, e ajudar a entender como é possível interpretar essas experiências, de forma sensível e também compreensível à complexidade dessas trajetórias.

E é justamente esse acesso às experiências de outras pessoas (nesse caso, os estudantes da EJA), que encaixa essa pesquisa no campo da “pesquisa narrativa”, uma vez que estarão em pauta, particularidades de vida desses indivíduos. Como por exemplo: suas trajetórias educacionais, suas percepções e atividades do cotidiano em relação à prática da leitura, etc.

Ou seja, são questões que automaticamente, remetem à uma narrativa, pois estão diretamente ligadas à representação de uma história de vida. E já partindo do objetivo geral para os específicos, eles trazem em seu desenvolvimento, uma construção narrativa na transição de uma para o outro.

Nesse caso dos objetivos específicos, começo falando em caracterizar a trajetória educacional dos estudantes como primeiro ponto. Até mesmo para entender as

circunstâncias que os fizeram chegar na EJA, se houve inserção no ambiente escolar alguma vez antes, se esse é o primeiro contato com a escola, etc.

Então, para que eu obtenha os resultados para todos esses questionamentos, é necessário também, além de todo um diálogo que abarque essas e outras questões, uma proximidade com aquele local de estudo, como é trazido ainda na perspectiva de Reis (*et al.*, 2014):

Se por um lado a pesquisa qualitativa se preocupa em capturar um nível de realidade [...] por outro, o pesquisador só poderá desenvolver uma postura crítica que o qualifique no aprofundamento da captura dos dados, se permanecer em uma busca ativa e atenta por novos interlocutores e observações em campo, com o objetivo de articular e enriquecer as informações coletadas, uma vez que o objeto da investigação é sempre um objeto construído (p. 197).

E com certeza todos esses argumentos trazidos acima, contribuem muito para o desenvolvimento da pesquisa, até mesmo para ajudar na compreensão da realidade dos estudantes, contextualizando com aquele local, e inclusive na interpretação dos resultados obtidos.

Dessa forma, a pesquisa narrativa é a melhor escolha, por conta da qualidade das informações que ela pode proporcionar, por isso a participação de interlocutores se faz de suma importância na pesquisa, uma vez que serão eles, a minha principal fonte para obtenção de informações.

5.3 Sujeitos e procedimentos

Para essa pesquisa, terei como fonte de embasamento empírico, os/as estudantes da EJA, da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Francisco Januário da Costa, em Olho D'água do Constantino (Redenção - CE). A turma é formada por 22 estudantes, que estudam no período da tarde, a nível de conclusão do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano).

Inicialmente, o método usado para um primeiro contato com a turma, será a observação, pois, como vou lidar com histórias de vida desses estudantes, os acontecimentos em suas trajetórias, entre outros aspectos, a familiarização através de uma inicial observação será necessária.

Então, para esse contato prévio com a turma, após a autorização da instituição escolar para realização da pesquisa, irei me apresentar à turma da EJA, falar um pouco sobre os objetivos da pesquisa, mas ainda sem fazer alguma abordagem mais específica

com os estudantes. O intuito na verdade, é a aproximação com os/as possíveis participantes, através da observação das interações na escola, das relações que esses estudantes criam naquele ambiente, seja com o/a professor/a, com os/as colegas, etc. Tudo isso, afim de entender essa realidade e também proporcionar uma maior proximidade com a turma.

Em um segundo momento, tomarei como continuação da coleta de informações, a entrevista semiestruturada, pois nesse segundo passo já terei conhecimento de como é o cotidiano da EJA. A entrevista será com 4 estudantes, dois homens e duas mulheres, levando em conta a diversidade da turma, e os aspectos que os diferenciam, e conseqüentemente diferenciam suas narrativas. Mas só depois que os/as participantes já tiverem uma noção mais precisa do que se trata a pesquisa e quais os seus objetivos. Pois como diz Reis:

É importante mencionar que inicialmente o informante deve ser avisado sobre o contexto da investigação e sobre os procedimentos da entrevista narrativa. Então, o entrevistador expõe o tópico central que tem a função de ser disparador da narração (REIS *et al.*, 2014, p. 195).

Depois de feito todo esse processo de explicação da pesquisa, é que darei início à entrevista, que nesse caso será de caráter narrativo, ainda pensando a partir da perspectiva de Reis (*et al.*, 2014), onde ele vai mostrar alguns aspectos centrais para entender como funciona a entrevista narrativa.

Nas entrevistas narrativas se considera que nossa memória é seletiva, lembramos daquilo que “podemos” e alguns eventos são esquecidos deliberadamente ou inconscientemente. Nessa perspectiva, o importante é o que a pessoa registrou de sua história, o que experienciou, o que é real para ela e não os fatos em si (REIS *et al.*, 2014, p. 195).

Então nesse caso, enquanto pesquisadora, estarei na posição de quem busca conhecer narrativas que tragam as informações relativas aos objetivos específicos necessários para a pesquisa. Ou seja, sem o intuito, e principalmente, sem o direito de julgar em algum momento se aquelas narrativas são verdadeiras ou falsas.

Para obter essas narrativas, farei uso da entrevista semiestruturada, pois ao abordar experiências de vida, esse instrumento irá ajudar a criar uma maior interação com os/as participantes, de modo que, no decorrer da entrevista mais informações sejam alcançadas. Já que não terá o uso de perguntas limitadas, o que possibilita mais flexibilidade durante a conversa.

O uso do roteiro semiestruturado, desde que pré-testado e tendo o pesquisador prévio entendimento dos objetivos de cada pergunta, permite que a entrevista flua pela ordem do discurso do entrevistado, possibilitando que o entrevistador lance mão de seguir um roteiro estruturado que, em geral,

quebra a naturalidade e cria imposições restritivas tanto ao pesquisador como ao próprio sujeito da pesquisa (REIS *et al.*, 2014, p. 195).

E dando continuidade a esse segundo passo da pesquisa, terei como base para a entrevista semiestruturada, algumas perguntas que permitam ao/à entrevistado/a narrar de forma detalhada e espontânea o assunto que será colocado, e de uma maneira que os objetivos da pesquisa sejam alcançados pelas narrativas.

Começarei pedindo aos/às participantes, que contem como foi o seu primeiro contato com a escola, e a partir disso, tentarei interagir com eles/as, afim de estimular a continuidade do ato de narrar até o momento presente, e, assim, obter relatos de suas experiências. Com isso, o primeiro objetivo específico da pesquisa, que busca caracterizar a trajetória educacional desses estudantes, será considerado.

Em seguida, já tendo tratado da trajetória na escola, o tópico a ser falado na entrevista, será em relação ao cotidiano, buscando entender que atividades de leitura eles/as realizam e como são esses momentos de leitura presentes no seu cotidiano, e, desse modo, observar aqueles que lhes são mais significativos. Provendo assim, o que é levantado no segundo objetivo específico, em relação às percepções desses/as estudantes sobre a leitura, e o terceiro objetivo onde busco conhecer as atividades de leitura do cotidiano dos/as mesmos/as.

Por último, afim de entender os desafios que esses estudantes enfrentam no seu cotidiano, com a prática da leitura, pedirei que falem sobre como se dão os desafios para a leitura em seu dia-a-dia, de uma maneira mais detalhada. Sempre mantendo uma interação entre a pesquisadora e os/as participantes, para que a entrevista tenha uma maior fluidez, e assim, ainda mais informações compartilhadas.

Para a obtenção das informações necessárias para a construção da pesquisa, pretendo utilizar um período de tempo de 6 meses, divididos entre o processo de negociação com a instituição, a observação para aproximação com a turma, e a realização das entrevistas.

5.4 Análise das Informações

Após a ida a campo, para aproximação e observação do cotidiano dos/as estudantes da EJA, e realização das entrevistas, a análise das narrativas será feita, a partir do registro escrito das histórias contadas por cada estudante participante. A transcrição será feita de maneira parcial, focando principalmente naquilo que mais se

aproxima da perspectiva, e dos objetivos da pesquisa. Isso através da perspectiva da análise temática, que segundo Zaccarelli e Godoy (2013), volta-se para a análise do conteúdo do que foi dito pelo/a entrevistado/a em suas narrativas.

Essas serão observadas de acordo com cada tópico dos objetivos específicos trabalhado durante a entrevista, que abordavam basicamente: como foi o processo de contato desses estudantes com a escola, as suas percepções e atividades em relação à leitura no cotidiano, os desafios que enfrentam quanto à prática da leitura. E dessa forma, contextualizar de maneira coerente, as narrativas trazidas pelos estudantes participantes, e os objetivos principais da pesquisa.

Quando as narrativas já estiverem escritas, será realizada a leitura e interpretação mais profunda do que foi trazido. Por isso as narrativas serão analisadas afim de captar as informações que mais contribuirão para a compreensão de cada uma das questões levantadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Censo escolar da educação básica de 2016. Brasília: INEP, 2017.

_____. Censo escolar da educação básica de 2017. Brasília: INEP, 2018.

_____. Censo escolar da educação básica de 2018. Brasília: INEP, 2019.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 de dez., 1996.

COLAVITTO, Nathalia Bedran; ARRUDA, ALMM. Educação de jovens e adultos (EJA): a importância da alfabetização. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n67/a11v1867>. Acesso em: 06 jan. 2019.

FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23ª. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Política e educação**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FRIEDRICH, Márcia et al. Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval. pol. pub. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 67, p. 389-410, 2010.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Grupo Anima Educação, 2014.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

_____. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9ª. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 184-189, 2014.

SANTANA, Aurea Belém Farias. A leitura na educação de jovens e adultos - EJA como processo de interação social. **Seminário Gepráxis**, Bahia, v. 6, n. 6, p. 374-385, 2017.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista histedbr on-line**, v. 10, n. 38, p. 49-59, 2010.

ZACCARELLI, Laura Menegon: ARILDA, Schmidt Godoy. “Deixa eu te contar uma coisa...”: possibilidades do uso de narrativas e sua análise nas pesquisas em organizações. **Revista gestão organizacional**, v. 6, p. 26-35, 2013. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4560627/mod_resource/content/0/Zaccareli%20%20Godoy%20%282013%29.pdf>. Acesso em: 21 de mar. De 2019.